Nossa turma

EM QUADRINHO

1 setembro 1942

Primeira vez em quadrinho

Nossa turma • Pepino
Tom & Jerry • Pete Smith
Joãozinho Toupeira • Os três bichanos

OLÁ!, CRIANÇAS

EIS NOSSA PRIMEIRA REVISTA. ESPERAMOS QUE GOSTEIS.

REVEZAREMOS COMO EDITOR. SOU O PRIMEIRO. PAPA-RÃ O SEGUINTE.

TENTAMOS ENCONTRAR FOTOS E HISTÓRIAS QUE CONSIDERAMOS BOAS. EIS LISTA DO CONTEÚDO DESTE ~~LIVRO~~ GIBI:

3 NOSSA TURMA

13 PEPINO

16 TOM & JERRY

24 JOÃOZINHO TOUPEIRA

30 MICO & TICA

36 PETE SMITH

38 JUMENTINHO

41 PEPINO

47 OS TRÊS BICHANOS

54 JAIME POÇOS

58 REIS DA POLÍCIA MONTADA

A TURMA TODA, JANETE, PAPA-RÃ, MIGUEL, MOURISCO E EU, ESPERAMOS QUE VOS DIVERTIS LENDO NOSSA REVISTA

PALMADA McFARLAND EDITOR

OUR GANG, Vol. 1, No. 1. Published by Dell Publishing Company, 149 Madison Ave., New York, N. Y. Single copy price, 10 cents in the U. S. A.

Copr. 1942 by Loew's Incorporated.

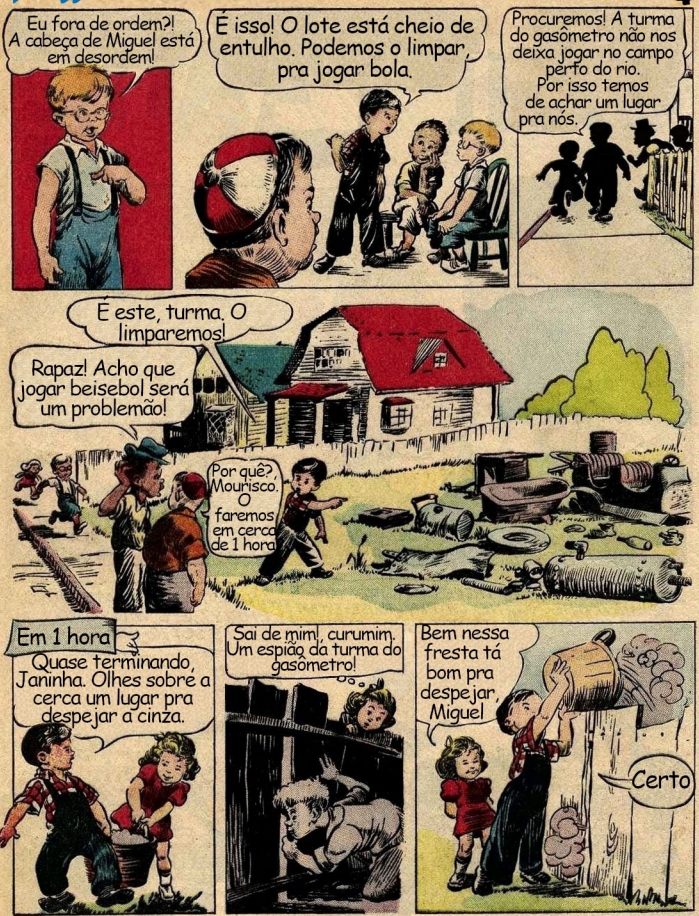
Printed in U. S. A.

Nossa turma

Compres selo e título-de-capitalização pro esforço-de-guerra

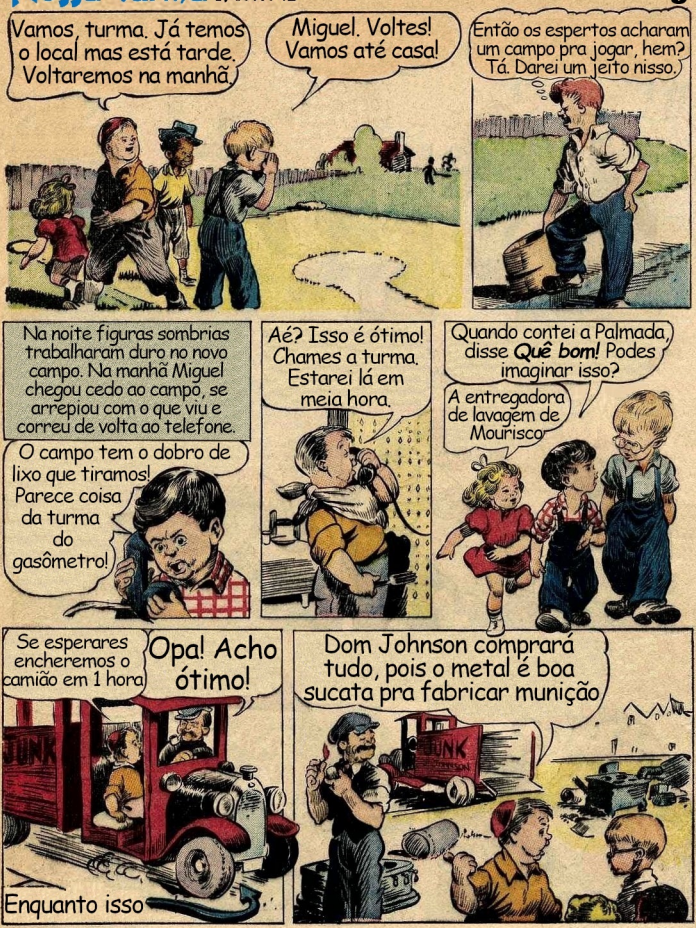
http://cheguavira.blogspot.com/

Original em inglês escaneado por Danilo Meneses



Gas House gang foi uma quadrilha urbana de Nova Iorque no final do século 19. Fundada na década de 1890, ficava no bairro do Gasômetro (*Gashouse* ou *Gas House*), em Manhatão, e controlava a área ao longo da 3ª avenida, da 11ª à 18ª avenida. Especializada em assaltos a mão armada, se estima que cometera entre 30 e 40 roubos por noite, além de extorquir dinheiro de moradores locais e operar bordéis. Controlou o distrito durante mais de duas décadas, até ser absorvida pela quadrilha 5 pontos em 1910. https://en.wikipedia.org/wiki/Gas_House_Gang Nota do digitalizador

COF COF!
ARGH!
Ei! O quê estavas fazendo aí?
Por quê?, seu ratinho!
Me soltes, seu gasômetro velho!
Ei! O deixes em paz!
Tudo bem, balofo! Venhas, preu achatar teu nariz!
Pares de bater em criança pequena!
E não me chames de balofo!
UFA!
Estou preso! Me soltes!
Voltes a Gasômetro!, vagabundo.


Vamos, turma. Já temos o local mas está tarde. Voltaremos na manhã.
Miguel. Voltes! Vamos até casa!
Então os espertos acharam um campo pra jogar, hem? Tá. Darei um jeito nisso.
Na noite figuras sombrias trabalharam duro no novo campo. Na manhã Miguel chegou cedo ao campo, se arrepiou com o que viu e correu de volta ao telefone.
O campo tem o dobro de lixo que tiramos! Parece coisa da turma do gasômetro!
Aé? Isso é ótimo! Chames a turma. Estarei lá em meia hora.
Quando contei a Palmada, disse Quê bom! Podes imaginar isso?
A entregadora de lavagem de Mourisco
Se esperares encheremos o camião em 1 hora
Opa! Acho ótimo!
JUNK
Enquanto isso
Dom Johnson comprará tudo, pois o metal é boa sucata pra fabricar munição
JUNK

A turma do Gasômetro, esperando forte reação à brincadeira de jogar lixo no lote, ficou surpresa ao ver dom Johnson comprar o lixo.
Mas quê droga! Venderam nosso lixo!
Crianças, ajudastes no esforço-de-guerra. Imagino o disparo dum novo tanque.
Caramba! Tanques!
JUNK
Ganharam com a sucata que na verdade é nossa! Isso é roubo!
Sei onde é a sede. Descobriremos onde guardam o dinheiro que é nosso por direito!
Estou fulo!
Isso mesmo
Bicão, espreites na janela pra ouvir o que disserem!
Nossa turma
PRIVATIVO
Falou
Os gasosos nos fizeram um favor. A maior parte da sucata era lixo que deixaram em nosso campo. O quê faremos com os 10 dólares?
Doar à Cruz Vermelha!

Darão a um tal Cris Abelha. Acho que Papa-rã levará!
Quem é Cris Abelha? Pegaremos Papa-rã no caminho!
Quê bandidos! Desperdiçando nosso bom dinheiro!
Enquanto isso Mourisco entrega roupa lavada pra sua mãe
Caramba! Derramei a roupa de dona Fraga. Sujou o vestido de bolinha.
Quê sorte! Não sujou. Deixarei a cesta na varanda dela e irei ao clube!
O vestido-de-noiva de minha irmã está no cesto de roupa de mamãe! Isso me deu uma idéia!
Caramba! Estás lindo, Papa-rã. Poremos os 10 dólares em cena, pra parecer real.
Rapaz! O quê está acontecendo?
Papa-rã trajando o esmouque do pai pra doar 10 dólares à Cruz Vermelha!

Vendemos o lixo do lote por 10 dólares e o doaremos à Cruz Vermelha

Cara! Pareces um apresentador de menestrel!
É traje formal, como dos diplomatas
CLUBE

Psiu! Te prepares. Lá vem.
Bicão está bem disfarçado. Papa-rã não o reconhecerá.

Agora, te lembres, Bicão, o atrair ao beco. Digas que tua mãe está morrendo, e irá contigo pra ajudar. Então desmaiar, pra te carregar no beco.

Buaaaaá! Me ajudes, seu estranho, mamãe está morrendo!

Opa! Tenho de fazer algo.

Ai! Estou desmaiando.
SLOP!

Meu amor! Estás ferida, garotinha. Epa! Ei!

Não vejo! Ai! Ui! Me deixes sair! Ei! Ei!

Quando sair daqui irei embora!

Fui assaltado!

Ei! turma. Fui assaltado. Uma menina de vestido vermelho de bolinha me abordou, e fui atacado!
Vestido de bolinha vermelha? So um vestido a mais na cidade!

O dono é um dos ladrões!
Acabei de entregar um vestido assim aos Fraga!

Então a filha de dona Fraga é cúmplice. Mas não vi os ladrões, pois se sentaram em mim, afundaram a cartola aos olhos e pegaram o dinheiro!

Conheço Maria Fraga. Sei que não faria isso! Mas o irmão é o gasoso que expulsamos do campo. Talvez usara o vestido

Pensando bem, a menina parecia Bicão! Pelas barbas do profeta! Deve ter sido Bicão! Ninguém mais parece Bicão!
É isso! Bicão disfarçado de menina!

Temos de recuperar o dinheiro. Mourisco corre bem. Miguel é bom atirarador. Eis o plano: Bzzz...

Depois
Eis a casa Fraga. Prepares aquele tomate bem maduro.
O menino Fraga durão abrindo a porta!

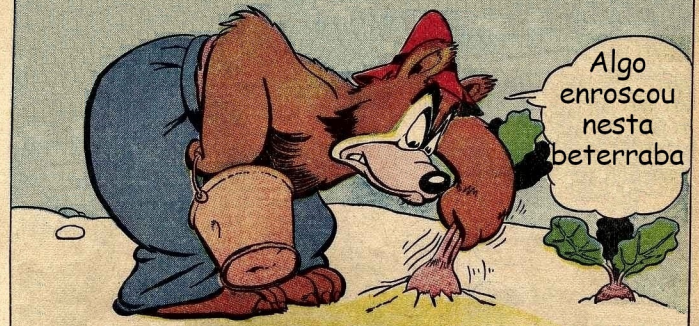
SPLAT
SWISH

Te matarei!
Rá! Rá! Então me pegues!

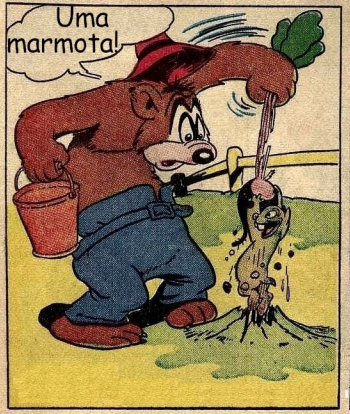
A perseguição de Fraga
até a sede do clube

Nossa turma aparece nos filmes da MGM

Pepino

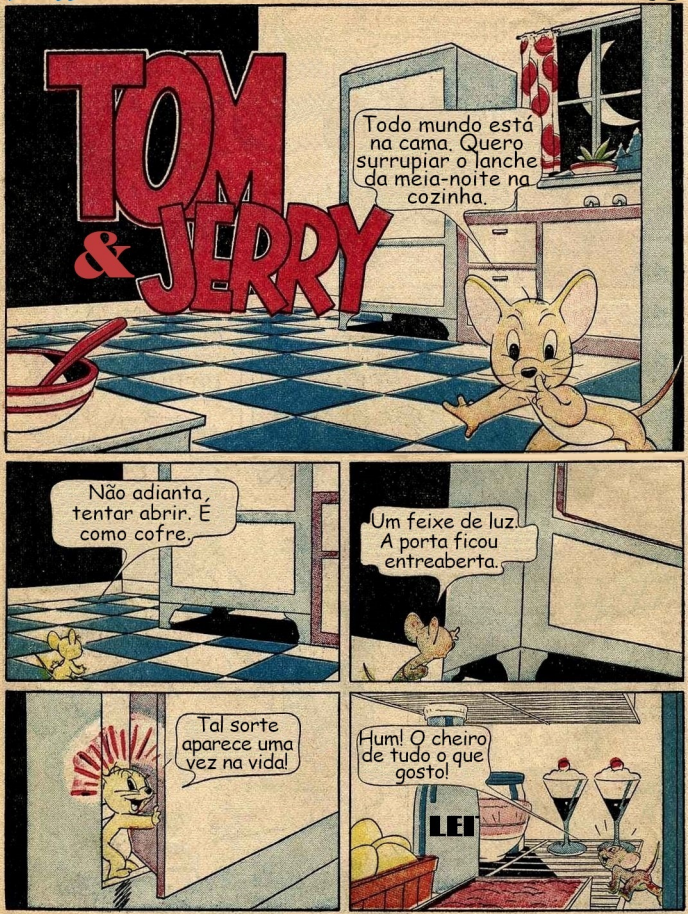


Provaremos que urso não gosta de marmota e marmota não suporta urso



Seu marmota arruina meu jardim o ano todo, mas nesta vez o velho urso o pegará
RA!
Ri, ri. O ursinho aqui é inteligente demais pruma marmota!
Covarde! Se escondendo.
Tem que madrugar, pra tapear este velho urso
Muito bem! Saias, ou atirarei!
Odeio fazer isso, mas tiveste chance.
BAM!
Pobre bichinho! Acho que fui muito duro consigo.
Acho que sim!
Sua voz!
A serena voz dum espírito assassinado. Tens sangue nas mãos!, seu urso.

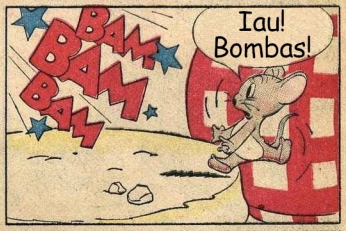
Desenho-animado da MGM, distribuído por corporação Loew


TOM & JERRY
Todo mundo está na cama. Quero surrupiar o lanche da meia-noite na cozinha.
Não adianta tentar abrir. É como cofre.
Um feixe de luz. A porta ficou entreaberta.
Tal sorte aparece uma vez na vida!
Hum! O cheiro de tudo o que gosto!
LEI

Manteiga cremosa fresca!

Genuíno queijo suíço importado! Nhám!

A sobremesa é glacê de baunilha e coco!


BAM BAM BAM
Iau! Bombas!

SQUEAK! SQUEAK! EEEK-EEK
Um premente guinchado de rato!

A cauda tá presa numa cuba de gelo. Me soltes logo, sua besta!
Espeto!

Nada aqui pra cortar, mas tenho outra idéia
Rápido! A cauda está congelando!

Barra-limpa lá fora. Esperes.

Bastam seis longos palitos-de-fósforo

Idéia boba! Assim não derrete tudo
Não precisa. Já soltou?

Está saindo, mas a cauda ainda está presa

Socorro!

CRASH

Funcionou. O quê falta?
A cauda ainda está congelada

Opa! Rapadura de chocolate e noz!

Abras o saco, pra eu encher

O saco tá abarrotado. Como chegar a casa com isto?
Pares de resmungar e comeces a trabalhar

Se o saco cair será uma bagunça! Tem que descer com corda!
Onde achar uma?

Um espaguete bem duro
Mas uma tira é insuficiente

Pegues. A corda vai deslizando.
Certo

Olhes quem está ali!
O gato Tom

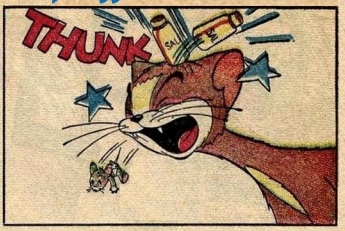
Se salve quem puder!
E largar tudo isto?

Iau!

Quê tenra peça de rato tão jovem
Quê gato tão grande e bruto!

Bichinho topetudo. Me divertirei consigo.
Ai!
És barra-pesada. É melhor voltar até casa.
Não voltarás até casa, bebezinho.
Tenho de agir rápido pra salvar Espeto
Se conseguir assustar o gato...
PLOP
Não funcionou! O gato o leva à porta.

SAL
SAL
Está bem sob esta prateleira!


THUNK

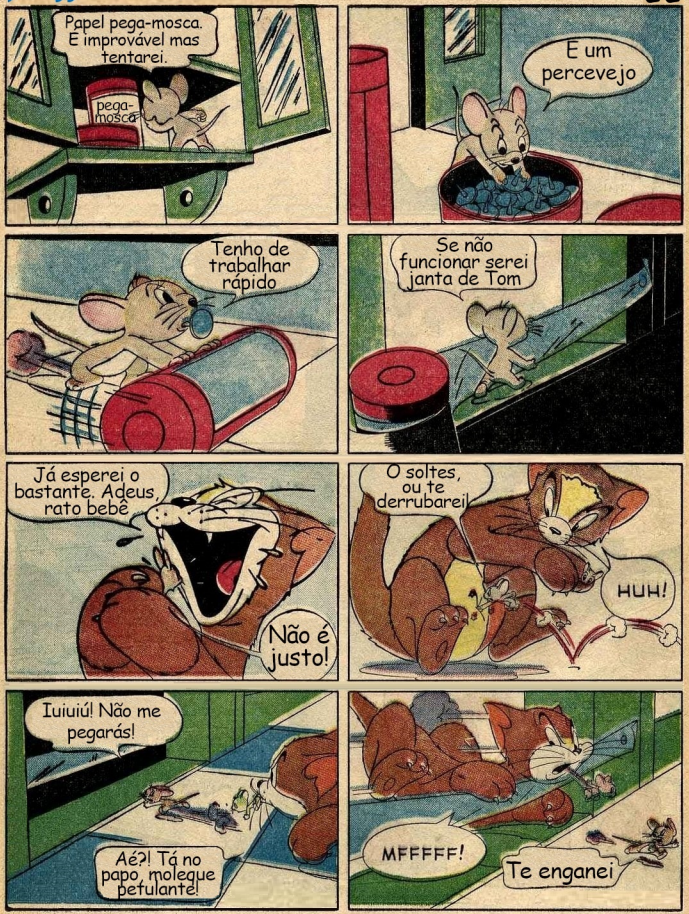
Iau! A garra prendeu a fralda!
Te ajudarei

GRRRRR!
Vamos

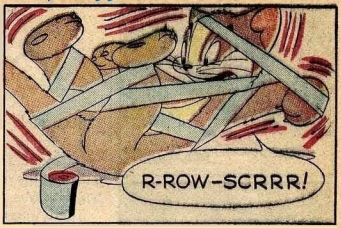
Me sigas

Venhas, pequenino
Socorro!

O quê fará? O quê farei? Espeto será devorado num instante.


Papel pega-mosca. É improvável mas tentarei.
pega-mosca
E um percevejo
Tenho de trabalhar rápido
Se não funcionar serei janta de Tom
Já esperei o bastante. Adeus, rato bebê
Não é justo!
O soltes, ou te derrubarei!
HUH!
Iuiuiú! Não me pegarás!
Aé?! Tá no papo, moleque petulante!
MFFFFF!
Te enganei

Papel pega-mosca, o mais baixo dos golpes-baixos


R-ROW-SCRRR!

O gato Tom em camisa-de-força, enrolado como múmia. Quê bom! Se não o enganássemos nos devoraria.

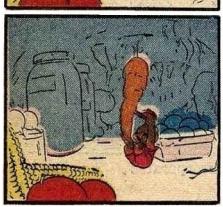
Espeto!
POP

Tinha de te se sentar logo no pega-mosca!
Fales menos e me puxes!

OH-H-H-H!

Tudo bem!
POP
Estás dizendo!

Ei! A sacola de comida na cozinha!
Tenho de ir até casa pra trocar de roupa



A história de

Joãozinho Toupeira

Joãozinho Toupeira morava com a mãe numa aconchegante casa subterrânea. Dona Toupeira improvisou um apartamento no porão. O telhado era o jardim dianteiro de Joãozinho e tinha uma porta no meio. No lado de fora da cerca havia uma caixa-postal com o nome de dona Toupeira.

Não havia janela na casa, mas Joãozinho e sua mãe não se importavam. Viam bem no escuro e gostavam de viver no subsolo porque era frio no verão e quente no inverno.

Dona Toupeira se orgulhava muito da boa cozinha. Tinha um chão de terra dura, que mantinha quase tão limpo quanto a mesa. Cozinhava em fogo aberto de palito-de-fósforo, e a panela pra sopa era uma xícara pra chá sem alça. Uma sardinha servia de pia encostada num canto.

Dona Toupeira fez um grande pote de sopa de legume pro jantar. Cortou cebola e pastinaca e as ferveu cum punhado de caneta seca. A sopa cheirava deliciosa, cozinhando em fogo aberto. Disse, indo à porta do porão:

— Preciso de algo mais. Joãozinho! Pares de comer maçã e tragas uma cenoura grande e gostosa!

— Só um minuto, mamãe. — Joãozinho respondeu do porão — Trarei a maior que achar!

O porão foi cavado sob um jardim, pràs cenouras crescerem no telhado. Quando Joãozinho queria uma, bastava a baixar.

A maior cenoura era tão longa que Joãozinho teve de subir a uma caixa de groselha prà alcançar. Puxou insistentemente prà soltar mas a cenoura não se soltou. De repente jogou todo seu peso nela.

Então a grande cenoura caiu sobre si, quem se levantou e a arrastou à cozinha.

— Obrigado, Joãozinho. Podes sair pra brincar no quintal até o jantar ficar pronto.

— Legal! — Joãozinho sorriu — Espero que não esteja chovendo.

Quando abriu a porta viu um belo dia. O sol estava brilhava tanto, que quase o cegou. Ao sair da porta escura teve de manter os olhos fechados um instante.

As toupeiras não podem ver bem à luz do dia, e Joãozinho era uma toupeira míope. Antes de perceber, entrou a um grande cogumelo. Engasgou, pois era muito educado:

— Opa! Perdão!

Quando o cogumelo não respondeu, ele olhou mais de perto e viu o quê era.

— Rá! Essa coisa deve ter crescido na noite passada. Subirei nela pra olhar encima da cerca.

Algo mais acontecera na noite anterior, quando Joãozinho e sua mãe dormiam. Um caminhão subira perto da casa dos Toupeira e jogado uma grande pilha de lixo. Olhando encima da cerca, viu em primeira vez.

A pobre toupeira era tão míope que uma lata-de-lixo parecia torre brilhante. Uma garrafa quebrada parecia janela ensolarada. confundia velhos pneus de borracha com muros do jardim. Chorou de prazer.

— Rapaz! Quê castelo maiaviioso! Tem telhado dourado, parede de mármore, janela de diamante, um rio azul margeando…

Ele parou de repente porque alguém subia a trilha cantando com voz grave profunda.

— Bum bou borombombou! Aqui estou!
Doutor Gambá Prímula é quem sou
A cada doente uma pílula dou
Entre jovens e velhos meu nome se celebrizou

Joãozinho se virou no cogumelo. Os pobres olhos castigados pelo sol estavam tão esbugalhados que não conseguiu ver, até doutor Gambá Prímula chegar à caixa-postal e dizer

— Como vais?, meu jovem. Permitas te felicitar pela saudável aparência!

Joãozinho não sabia o quê isso significava, mas achava que doutor Gambá Prímula parecia muito respeitável com cartola e bengala de cabo dourado.

— Estou bem, obrigado. Deves ter endereço errado. Mamãe e eu não precisamos de remédio.

A! Mas talvez precises algo que minha habilidade possa fornecer. Posso arrancar dente, remover berruga, curar gagueira, cacho permanente… Quase tudo.

— Digas, doutor! Por quê não perguntas naquele grande castelo com dourado e brilhante telhado? Provavelmente precisam de muitos cachos e demais coisas permanentes, e pagariam bem.

— Castelo? — Doutor Gambá Prímula engoliu em seco — Telhado dourado, pagam bem? Sobre o quê dizes?, garoto.

— Aquele castelo no outro lado do lindo rio azul! — Joãozinho gritou, apontando à pilha de lixo — O deves ter visto ao subir a trilha.

A cabeça do médico se virou. Viu boquiaberto as velhas latas e garrafas quebradas na pilha de lixo. Então se virou, encarou Joãozinho e disse cum rouco sussurro:

— Caro, isso é terrível! Ninguém disse que precisas de óculo? O quê seguro em tua sua frente?

— Parece uma banana. — Joãozinho respondeu apertando os olhos.

— Errado! É apenas meu dedo. Isso prova que tens o pior caso de miopia que já conheci. Mas te ajudarei. Farei mais um teste antes de prescrever teu par de óculo.

Abriu a mala e pegou um gráfico com letras grandes e pequenas.

— Levantes a cabeça e leias apenas a linha superior a trás!

Joãozinho piscou as letras, que pra seus olhos míopes pareciam grandes vermes negros dançando a trás e a diante. Esfregou os olhos, colocou a cabeça num lado e tentou novamente.

— Não posso.

— Tentes a segunda linha, lendo a diante.

Joãozinho apertou os olhos ainda mais, balançou a cabeça e suspirou.

— Não adianta. É a primeira vez que tento ler algo.

O médico fez um barulho como se Joãozinho o cutucasse no estômago. Afinal disse, se curvando sobre a mala:

— Não importa. Eis um par de óculos que sei que caberá em ti. Basta experimentar!

Johnny se espantou ao ver o óculo de aro preto, mas deixou o médico o colocar. No começo piscou porque tudo parecia estranho. De repente gritou:

Miopia é apenas deficiência pra ver longe. De perto o míope vê muito bem. Portanto o dedo seria visto perfeitamente. Nota do digitalizador

— Posso ver todo o caminho, bem longe!

Não sabia que os óculos eram tão potentes.

Estava excitado demais pra pensar em pagar. Mas o doutor não estava preocupado. Quando Joãozinho estava de costas, tirou todo o dinheiro do bolso da pequena toupeira.

— Tchau, rapazinho. Nos próximos dias teu olhar penetrante fará todos teus amigos e inimigos se maravilhar, e todos entoarão elogio a mim.

Pegou a mala e se afastou cantando:

— Bum bou borombombou! Já me pagou!

A caminho estou

Um otário a trás passou!

Mas Joãozinho estava longe demais pra ouvir. Perseguia uma grande borboleta amarela ao longo da borda do lago lamacento. Sempre achava que a borboleta estava no papo mas os potentes óculos o enganavam.

De repente, logo abaixo do nariz, pensou ter revisto a borboleta. Pegou o que achava ser as asas amarelas e apertou. Clamou:

— Entendi!

Mas era apenas uma flor cuma abelha dentro, quem disse, zangada:

— Bzzzz-zz-zz-zz! Deixes eu sair daqui, se sabes o que é bom pra ti! Bzzzz-zzzz!"

Rapidamente Joãozinho abriu a flor. Quando a abelha saiu, zumbindo ameaça, ele recuou.

— Eu não sabia que estavas naquela flor! Pensei que era uma borboleta.

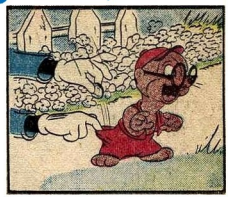
— Borboleta?! — Zumbiu a abelha, ainda mais raivosa — Isso é um insulto. Tenho vontade de estocar com o ferrão, pra não recometeres esse erro!

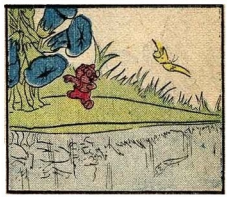
Joãozinho continuou recuando, e a abelha zumbindo cada vez mais perto. Claro, Joãozinho não via aonde ia. Mais duma vez tropeçou e caiu, mas a abelha continuava o perseguindo.

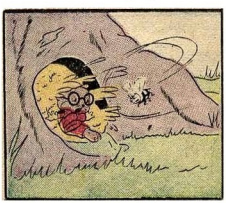
Só parou quando Joãozinho caiu no oco duma árvore cheia de mel. Durante um minuto pensou que se sufocaria no material pegajoso. Lutou pra ficar em pé, limpou o mel do nariz e percebeu que podia respirar.

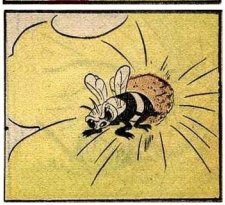
Não viu mais a abelha, quem fugira pra ajudar a salvar o que sobrou do mel.

No alto da árvore dois filhotes de urso olhavam a mancha de mel que Joãozinho virou. Um filhote guinchou:









— Quê delícia! Vês o que vejo?

— Um favo-de-mel! — Exclamou o outro filhote, lambendo os lábios — Deve ter caído lá. Quê tal provar?

— Não devemos tocar. — Disse o primeiro filhote.

— Mas parece tão doce e saboroso, que dá água na boca!

— Desçamos, pra olhar de perto.

Deslizaram na árvore com tanta pressa, que quase caíram. Ao cheirar o mel tinham de provar. Um pegou o pobre Joãozinho no colo, como se fosse um favo-de-mel, e a lambeu o mel do óculo.

— Ei! Posso parecer doce com todo esse mel no rosto, mas não pedi um beijo!

— Opa!, amiguinho. — Lamentou o filhote de urso, tremendo de medo.

— Soltes rápido! — Gritou o outro filhote — Eu sabia que não devíamos tocar esse mel sem permissão!

Joãozinho se sentiu caindo. Colado ao pau com mel, não conseguiu se segurar. Bateu no chão com tanta força, que nada mais sabia durante um bom tempo.

Quando retomou os sentidos pensou estar cego. Os olhos bem apertados. Não podia ver claramente meio metro além do nariz.

— Meu óculo! Deve ter caído quando caí ao chão!

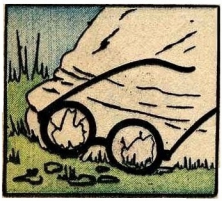
Se tateando o encontrou estilhaçado.

Ficou muito triste. Tentou achar, pra juntar, os pedaços quebrados do maravilhoso óculo, mas ele teve de desistir. Então questionou de como encontrar o caminho de volta a casa. Tudo parecia tão sombrio e estranho, que o assustou. Gritou com voz trêmula:

— Mamãe! Onde estás? Não ouves? Estou perdido!

Não houve resposta. Nem o zumbido distante duma abelha. Sabia que estava tão longe de casa, que não havia esperança da mãe o achar.

Se levantou e correu. Estava tão assustado, que não percebeu não estar mais melado. Enquanto deitado inconsciente perto da árvore, as abelhas voltaram e limparam tudo.



Estava tão cego sem o óculo, que correu à beira dum penhasco e caiu 3 metros ao riacho, onde um redemoinho o sugou.

Foi bom ter aprendido a nadar. O redemoinho o arrastava, mas ele manteve o nariz acima da tona até chegar ao meio do poço, onde olhou a baixo e viu um buraco fundo na água, descendo ao fundo do riacho.

De repente se sentiu caindo, fechou os olhos, prendeu a respiração e torceu pra não se afogar.

A água se fechou sobre a cabeça. Ele sentiu os pés baterem com força no fundo. Então foi pego pela correnteza feroz e caiu várias vezes.

— Ó! Céus! Não posso mais reter fôlego! O perigo é engolir água!

Era como se a água lesse pensamento. Num piscar de olhos ele girou ao topo e foi atirado ao ar num jato! Percebeu estar perto da margem, onde cresciam alto junco de taboa. Nadou a toda força.

Só então a mãe abriu a porta pra chamar Joãozinho pra jantar. Primeiro chamou suavemente e depois em voz alta: **Joãozinho ooooo!** Mas, é claro, sem resposta.

Olhou ao redor do quintal, mas não o via, e começou a se preocupada. Quando viu os rastros de doutor Gambá Prímula na estrada, se angustiou pelo filhinho.

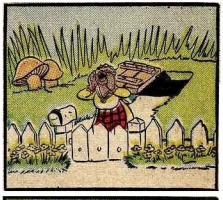
Se sabe que alguns gambás carregam rato e toupeira, quem as pobres mães nunca mais via.

— A! Joãozinho! Quê coisa horrível aconteceu a ti? Por quê não respondes?

E parou porque pensou ter ouvido um longínquo grito no riacho. Correu o mais rápido que pôde e chegou bem a tempo de tirar Joãozinho da água.

Joãozinho ainda estava com muito medo mas não chorou. Deixou isso prà mãe, o que foi legal, porque ela chorava de alegria por o ter de volta. Então correram à casa. Joãozinho disse de repente:

— Me ponhas no chão, mamãe! Agora sei onde estou. Sinto o cheiro do jantar. Estou em casa de novo!



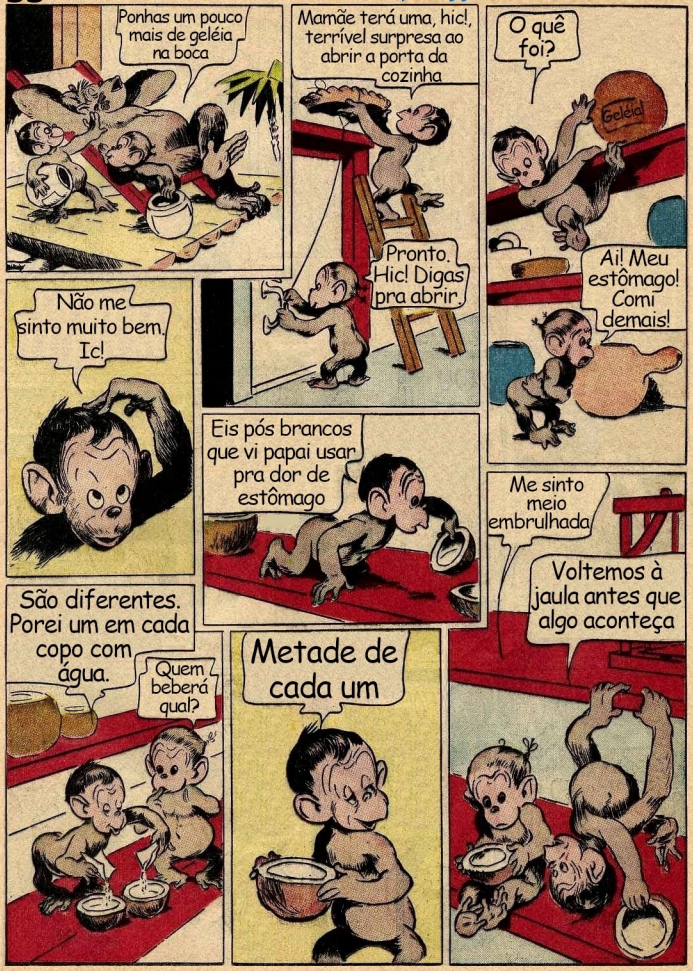
FIM

Mico & Tica

Subirei e te darei uma colher-de-cha, Mico
Depressa, Tica. Antes que se virem
Quê tal? Aluguei o local mobiliado pra surpreender a ti e as crianças.
É agradável e arejado. Tem todos os novos confortos?
COPR. 1942 BY OSKAR LEBECK
Iac! Iac!
Tem tudo. Inclusive elevador. Vejas.
Tem tudo. Incluind
Não devias fazer acrobacia com essa idade
Ai! Eu não...
Ei!, papai. Vejas teu pé.
Os pegues, mamãe, os dois vivos!

Diabretes! Pirralhos ingratos! Macaquice pra estrear a nova casa!
Quero paz pra me acomodar! E um lugar seguro pra distrair os moleques!
Só ali
A gaiola foi feita a pedido. Eu sabia que precisaríamos!
Está um pouco frio. Pegarei um cobertor pra eles!
Achaste muita coisa na cozinha?
O bastante pra preparar o jantar. Às vezes és bom provedor!
Berinjela e tomate. Cheiro bom.
Ei! E nosso jantar?
Sem jantar, seus marotos. É pra aprender a não içar o pai na perna.
Aiaiai!
Mais uma fatia de torta de banana?
Não. Comi demais. Tirarei uma soneca.
Banana Passo
Gelo!
Uá! Nada como uma farta refeição pra ficar sonolento. Não perturbar durante 1 hora.

Ei, Tica. A barra está solta. Ajudes!
Pronto. Soltou.
A torta de banana. Mamãe está na cozinha e papai dormindo.
Achas que acordará?
Não. Faz mais barulho que nós!
Zzzzz Fu Zzzzz
Geléia
Comas tua velha torta de banana. Quero geléia.
Nham nham
Geléia
E manteiga de amendoim em pão de fruta
Manteiga amendoim
Pensei que disseste que não podias comer mais
Psiu!
Geléia
?
Venhas, e tragas a manteiga de amendoim
Não posso! Hic! Pegues outra migalha.
Estou tão cheia, que dói.


Ponhas um pouco mais de geléia na boca
Mamãe terá uma, hic!, terrível surpresa ao abrir a porta da cozinha
O quê foi?
Geléia!
Pronto. Hic! Digas pra abrir.
Ai! Meu estômago! Comi demais!
Não me sinto muito bem. Ic!
Eis pós brancos que vi papai usar pra dor de estômago
Me sinto meio embrulhada
Voltemos à jaula antes que algo aconteça
São diferentes. Porei um em cada copo com água.
Quem beberá qual?
Metade de cada um

http://cheguavira.blogspot.com/

Farei chá de gengibre
Não me faças beber algo!
Chames o médico

Indigestão aguda. Gás no estômago. Darei comprimido
Doutor, tens certeza de que não morrerão?

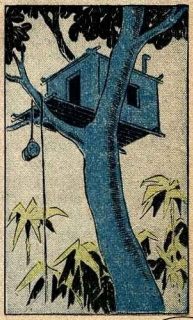
Ficarão bem na manhã. Devem ficar dois dias sem alimento sólido.

Talvez eu atravesse a janela sem acordar mãe

Aé?!
Nunca mais quero ver torta de banana
Me repugna pensar em geléia ou manteiga de amendoim. Mas papai ficou engraçado quando o lambuzamos!

Pai!
Eis a recompensa!
Foi a primeira vez!

Perdão
Não me interrompas. Estou me divertindo muito!



FIM

Leões soltos

Pete Smith

Recontada no especial *Pete Smith*, da Metro-Goldwyn-Mayer

Era uma vez uma espaçosa gaiola num jardim zoológico, onde vivia uma família de leão.

O magnífico pai leão orgulhosamente examinava seu mundo atrás das grades e cochilava satisfeito no canto mais ensolarado da gaiola, enquanto não comia. A graciosa e trigueira Mãe leoa olhava com carinho o companheiro nobre e os dois bebês brincalhões. Os dois filhotes de pele dourada brincavam, corriam e olhavam ansiosamente através das barras o mundo sedutor além da gaiola.

Os pais felinos estavam satisfeitos com a vida de paz, regulamentada pelo homem, com carne vermelha fresca e boa. Mas os alegres filhotes não compartilhavam esse conformismo, pois queriam ver o quê acontecia além das barras de aço.

Um dia espremeram o pequeno corpo roliço entre as barras e de repente saíram, olhando a dentro em vez a fora. Estavam livres! Fugiram alegres.

Pai leão rugiu mandando voltar. Mãe Leoa os chamou, implorando voltar. Mas os filhotes não deram atenção às vozes paternas, pois escaparam e queriam desfrutar a nova liberdade.

Alegremente se afastaram do zoológico e logo estavam num bosque verde, terra de densa e macia grama e árvores altas. Os filhotes ronronaram de alegria enquanto rolavam, pulavam e corriam no dia ensolarado.

De repente uma criatura estranha apareceu na frente, barrando o caminho. Olhos brilhantes e cintilantes, rosto afiado, preto e espesso, cabelo branco e rabo espesso. Quando viu os filhotes emitiu estranho e estridente som.

Mas os filhotes não tinham medo. Um instante olharam fixamente a criatura, um guaxinim selvagem que os fitou com olhos ameaçadores e enrijeceu o corpo pra lutar.

Mas em vez de recuar, como o guaxinim esperava, os filhotes ronronaram com simpatia e avançaram. Surpreso e assustado com essa repentina investida, o guaxinim se virou e fugiu, deixando os filhotes em posse indiscutível da floresta e do caminho.

No princípio os pequenos leões ficaram impressionados com o desaparecimento repentino do novo companheiro de brincadeira mas logo o esqueceram na diversão de explorar as maravilhas do novo mundo.

Andaram sem parar. Finalmente tropeçaram num jardim cercando uma casa. Uma porta estava aberta. Quando viram a abertura não hesitaram. Os corpinhos gordinhos e apressados entraram na casa. Ansiosamente rondaram, os pés acolchoados batendo suavemente no piso e tapete.

Enfim vagaram num lugar brilhante e alegre, cheio de dezenas de brinquedos e jogos. Não sabiam estar no berçário duma criança. Só sabiam ter encontrado novos objetos emocionantes pra investigar.

Era uma hora alegre e desconcertante Havia tanta coisa estranha pra cheirar e sentir. Ruídos engraçados soavam quando tocavam as coisas.

De repente um esbarrou num carrossel, que começou a girar e cantar. As pequenas figuras esvoaçantes o atingiram no nariz. Cum grito de perplexidade pulou a cima e caiu na suavidade dum berço.

Um momento depois o irmão se juntou a ele no berço e olharam as barulhentas e emocionantes maravilhas dos brinquedos. Nas disputas, com as garras afiadas abriram nas travesseiros, e se enterraram numa sufocante, flutuante e ofuscante chuva de pluma.

Gritando descontroladamente, saltaram do berço e fugiram da sala e da chuva de pluma. Um papagaio grasnou a eles voando na casa mas eles não prestaram atenção à voz estridente.

Quando pararam de correr entraram noutra sala. Não havia alguém pra dizer que era uma cozinha. Então decidiram descobrir quê tipo de lugar era.

Depois dum instante viram a borda, que era a pia, bem acima da cabeça. Cum salto rápido e forte um saltou a cima e pousou agilmente no liso ladrilho. O outro hesitou e se perdeu. Por mais que tentasse, não pôde saltar. De novo subiu e recuou. Mas finalmente as patas dianteiras agarraram firmemente a borda da pia, e conseguiu puxar o corpinho roliço a cima.

O irmão estava muito ocupado quando ele pousou ao lado. O nariz e a boca se enterraram na rica cremosidade duma torta de chocolate achada na beira. Logo duas línguas rosadas lamberam a torta com avidez. Nunca provaram comida assim no zoológico.

Rolando e girando no ladrilho, se contorciam com vontade de colher toda a doçura da panela. Um derrubou uma lata de farinha, soltando a tampa. Mas a farinha derramada nada significava aos famintos filhotes.

Enfim, saciado com a cremosidade do chocolate, um saltou ao chão, ansioso pra novas descobertas. Seu irmão mais tímido parou no limite, olhando a baixo. Longo salto. Mas finalmente conseguiu, pousando cum baque.

Então os filhotes assustados se enterraram numa avalanche de branco e macio pó. A lata de farinha rolou até a borda da pia e o conteúdo nevado caiu aos pequenos leões. Desnorteados e cobertos com o pó branco ofuscante, se retiraram rapidamente da cozinha e da casa.

Os leões bebês voltaram à floresta verdejante. Já tinham civilização o bastante. Durante longos e alegres dias brincavam e desfrutavam liberdade. Fizeram dois novos amigos, andarilhos como si. Uma era uma pacata ovelha branca desgarrada. O outro um macaco com cara de bruxo escapado do zoológico. Juntos os quatro vagabundos levaram vida alegre e despreocupada. Vagavando no bosque os filhotes viram ao longe algo se contorcendo enrolado no chão. O quê seria? O macaco sábio sabia que era uma mortífera píton. Gritando de medo pulou às costas da ovelha.

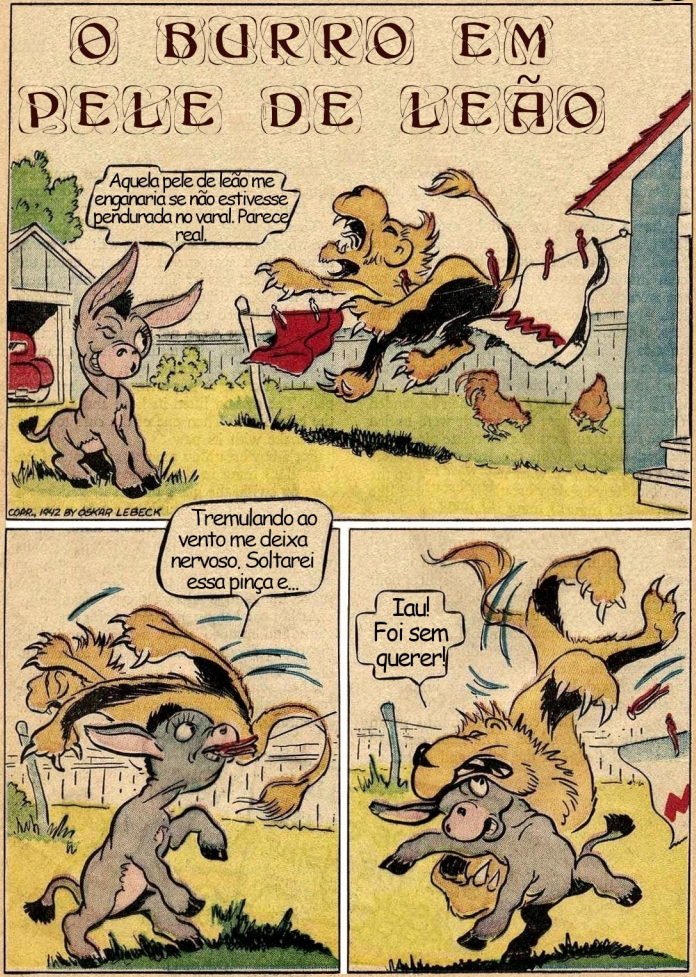
Mas os filhotes não tinham medo. Corajosamente se aproximaram dessa interessante e nova criatura com olhos frios e brilhantes. Se aproximaram cada vez mais, ronronando um convite pra brincar. A píton levantou a cabeça e os olhou. Então um tocou a cobra com a pata.

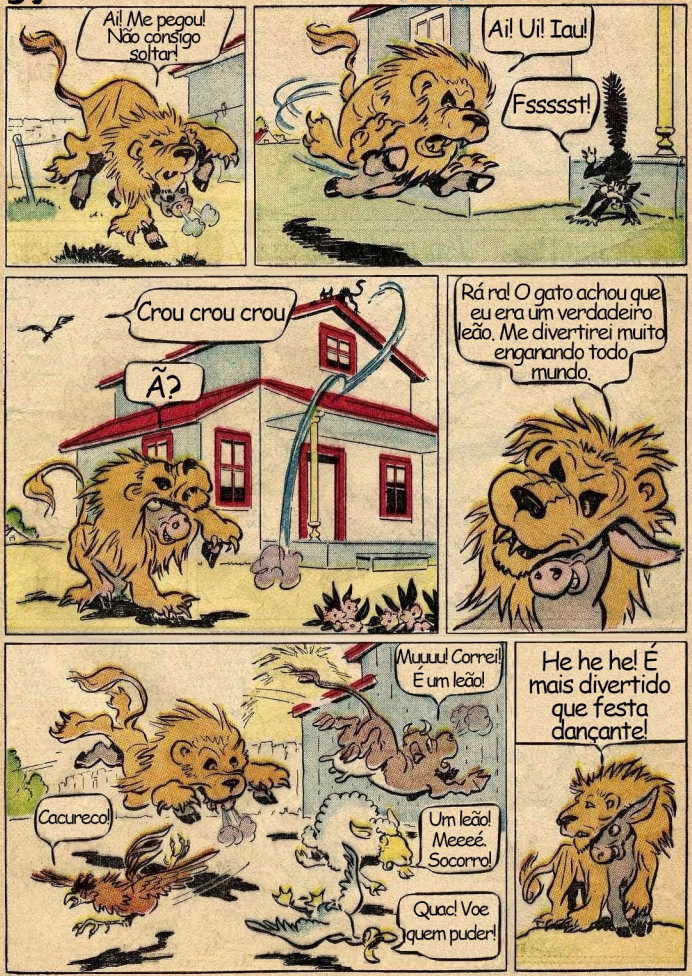
Um instante sem fôlego, o destino dos filhotes ficou na balança. Então, cum trejeito farfalhante, a cobra gigante deslizou na grama e subiu ao tronco duma árvore, onde pendurou o longo corpo num galho.

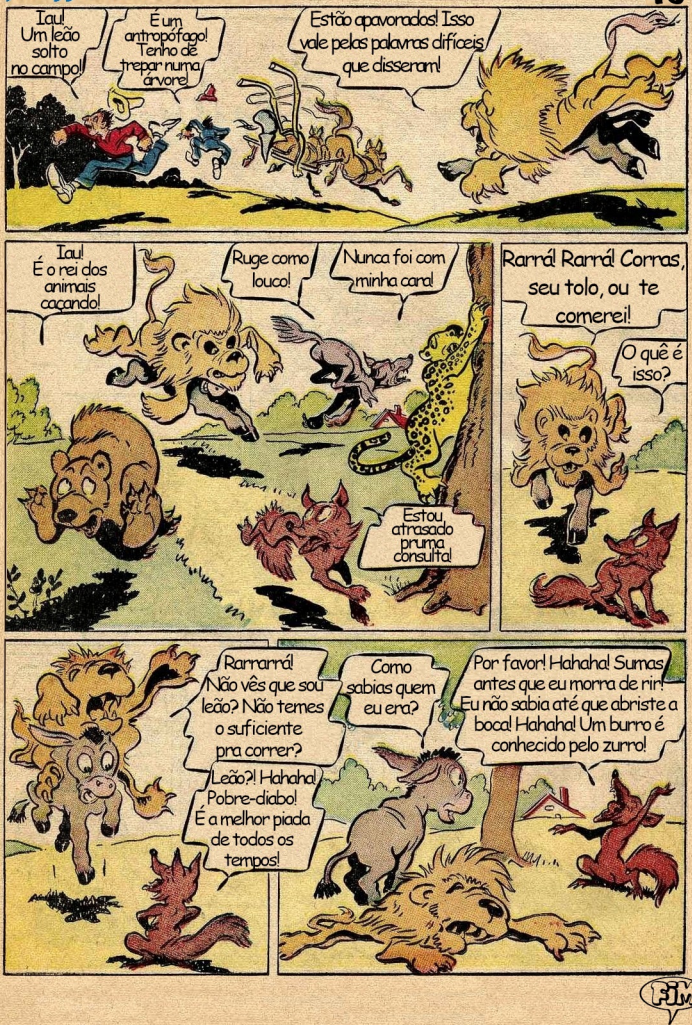
Os filhotes a seguiram, em pé sob a cabeça em forma de cunha. Saltaram alegremente a cima e a baixo, convidando o píton a brincar. Mas a cobra pendia imóvel, os olhos brilhando. Enfim os filhotes se cansaram do jogo unilateral e foram embora, sem imaginar com a trágica destruição da qual escaparam tão milagrosamente.

Então, com os amigos, vagaram buscando novas aventuras.

O BURRO EM PELE DE LEÃO




Ai! Me pegou! Não consigo soltar!
Ai! Ui! Iau!
Fssssst!
Crou crou crou
Ã?
Rá ra! O gato achou que eu era um verdadeiro leão. Me divertirei muito enganando todo mundo.
Muuuu! Correi! É um leão!
Cacureco!
Um leão! Meeeé. Socorro!
Quac! Voe quem puder!
He he he! É mais divertido que festa dançante!


Iau! Um leão solto no campo!
É um antropófago! Tenho de trepar numa árvore!
Estão apavorados! Isso vale pelas palavras difíceis que disseram!
Iau! É o rei dos animais caçando!
Ruge como louco!
Nunca foi com minha cara!
Estou atrasado pruma consulta!
Rarrá! Rarrá! Corras, seu tolo, ou te comerei!
O quê é isso?
Rarrarrá! Não vês que sou leão? Não temes o suficiente pra correr?
Como sabias quem eu era?
Por favor! Hahaha! Sumas antes que eu morra de rir! Eu não sabia até que abriste a boca! Hahaha! Um burro é conhecido pelo zurro!
Leão?! Hahaha! Pobre-diabo! É a melhor piada de todos os tempos!

Pepino

quer um bom plano prà defesa hiber-nacional

Quê comida boa o urso velho guarda!
É mesmo!?
Epa!
Não basta furtar a horta no verão? Vens roubar o víver no inverno! Seu rato!
Isso o deterá!
Afinal, todo homem tem o direito de hibernar em paz!

Então é isso! Toda aquela comida pra ler e comer no inverno todo!
Pegarei alguns biscoitos e coisas mais, ou meu nome não é Maremota Marmota!
Me esgueirarei e fingirei moribundo de fome. Nunca me reconhecerá na roupa velha de tia Brega.
Socorro! Estou perdida, solitária desolada e moribunda!
KNOCK! KNOCK KNOCK
Caramba!
Comida! Comida!

Descanses enquanto vou à cozinha fazer uma sopa

Pobre senhora. Me lembra alguém. Talvez minha querida e velha mãe. O quê é isso?
Hihihi!?
A?!

Hi hi! Deveria ter trazido uma sacola maior.
Então é aquela marmota!

Darei um jeito nela duma vez por todas

Eis uma boa sopa!

Iau! Estou morrendo!

Hahahahahaha!
GLUG
GLUG
Darei um jeito nesse cara!
Cavarei um túnel até a caverna e pegarei a sacola cheia de lanche
Consegui!
Não te mexas! Estou ouvindo!

Achei que voltarias, Maremota. Arrá! Eis!

Ai! Meu pé!
BANG

Enquanto afagas os dedos dos pés levarei a sacola. Obrigado, Pepino. Comas poeira!

Tenhas feliz inverno

É mais pesado do que parece. Mal posso esperar pra abrir. Ei! Um bilhete.

Filho-da-puta!
Querido Maremota. Tirei o movimento e enchi a sacola com palha. Espero que não te importes

FIM

A via Láctea

Os três bichanos

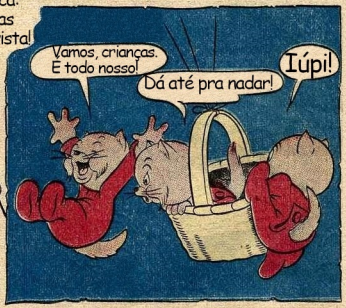
Três gatinhos perderam as luvas
brincando ao ar livre no inverno
Não queriam contar à mãe, pois os
repreenderia
Rastejaram à porta mas um taco do piso
rangeu
A mãe se virou e os viu
As luvas não foram achadas

Então na vidraça viu um cintilante feixe estelar, correu pra olhar, se virou e bradou:

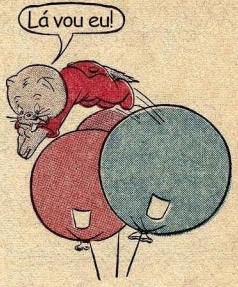
— Tive uma idéia! Há algo comestível delicioso e grátis! Cum balão visitaríamos a Lua. E, por quê não?, a via Láctea.

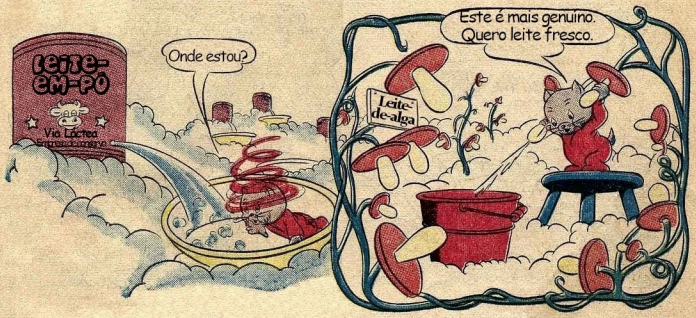
Tonico, Tininha e Tinoco temiam o plano mas amarraram os balões a uma cesta etiquetada **Ameixa**, e ascenderam duma janela. Ascenderam tanto, que um cometa passou raspando a cabeça de Tinoco. Passaram perto de Marte com as armas dele disparando estrela, e quiseram voltar à cama.

Tonico estava certo. Embaixo uma visão onírica: Riachos de leite. E, a julgar pela aparência das garrafas, creme-de-leite fresco a perder de vista!



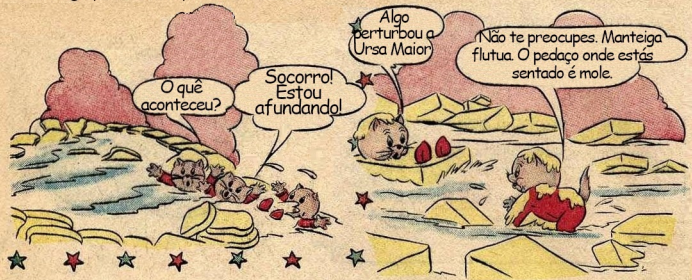
Pobre Tininha. Se sentiu muito boba. Tentou pular da cesta mas o medo de cair daquela altura a fazia desistir quando olhava de lado!
Então escalou um balão e, sem pestanejar e sem saber onde cairia, mergulhou e caiu onde o leite era enlatado!

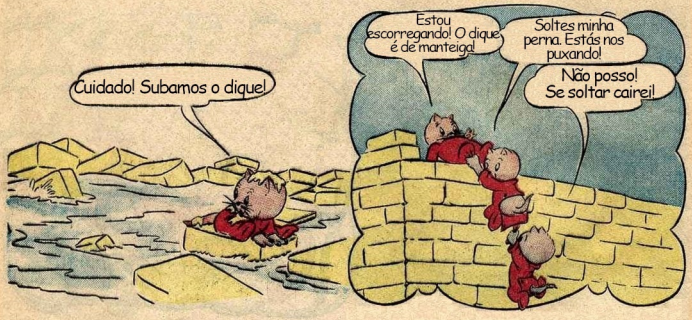




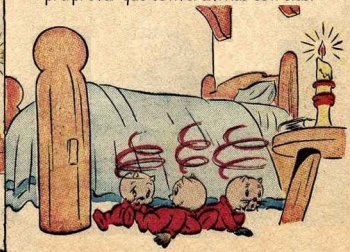
Empanturrado como um balão, Tonico ficou deitado numa colher, balançando dum lado a outro no chão. O leite começou a derramar. Engoliu um pouco mais, mas era leite-de-magnésia.

Não é piada! Tonico começou a coaxar. Um truque muito ruim. Quando caiu de cabeça choveu manteiga, pão e a maior parte da via Láctea!





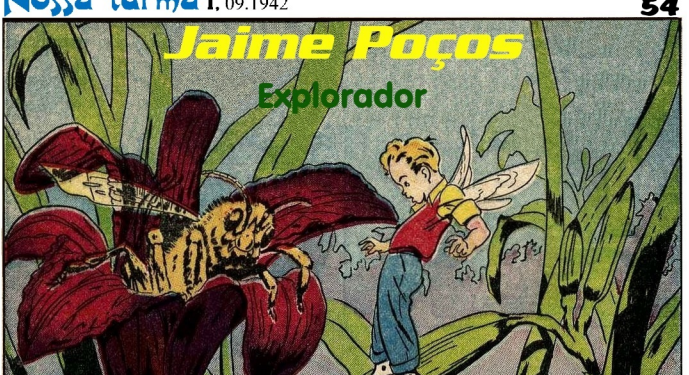
Os gatinhos despertaram com vertigem. Tontos como Marte, viram a cama. Mas sem leite ou pão pra provar que estiveram nas estrelas.



Os três balões de brinquedo e a cesta etiquetada **Ameixa** já não estavam pendurados no gancho! Os olhos de Tonico se arregalaram:
— Então era verdade!
Visitamos a via Láctea. Não importa como voltamos. E tudo o que se pode dizer!

Com suave ronronar os gatinhos se viraram. A mãe ficou ali, sorrindo.
— Como ainda não estais na cama, descei, pois tenho uma surpresa que vale a pena.

Os três gatinhos esqueceram as luvas perdidas. Ao ver os copos e tigelas com leite na mesa, cada um queria cair a um poço sem fundo. Só se lembrar de creme era um pesadelo. Simplesmente não agüentavam mais.
— O! Vamos à cama!
Caíram desmaiados ao chão



A chegada de professor Tubbs à sede da fazenda abriu pra Jaime Poços uma nova vida de viagem e aventura nos mais estranhos recantos do mundo.

Jaime acabara de carregar muitas sacolas e caixas à nova casa-de-campo de sua mãe quando professor Tubbs, o alegre homenzinho da ciência, o abordou.

— Esperes. Mostrarei algo realmente maravilhoso se prometeres manter segredo.

Jaime assentiu ante os brilhantes olhos azuis do professor, quem sem mais dizer se abaixou, destrancou uma grande mala de couro e entregou um instrumento de aparência estranha com cerca de 30cm de comprimento.

— Eis um tipo muito especial de estereoscópio. Te sentes naquela poltrona e olhes através das lentes enquanto coloco um eslaide colorido no suporte. Pronto! O quê vês?

— Um ser diante duma flor amarela. Parece real mas não se mexe.

— Olhes mais!

Jaime olhou e algo deu errado! Dentro da cabeça. De repente se viu ao lado da abelha, quem o olhava, pois Jaime ficara do tamanho duma abelha. Exceto por isso e pelas quatro asas fortes e transparentes que o mantinham no ar, ele era o mesmo garoto que estava olhando no estereoscópio havia um instante. A abelha disse educadamente:

— Olá. Não te vi antes. Se essa é tua flor irei à seguinte!

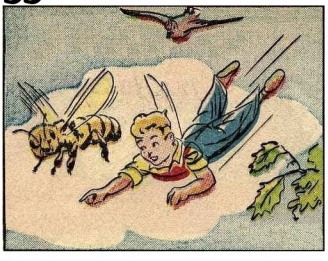
— Não. Cheguei àqui atrás de ti. Gostaria de ver como tiras mel duma flor. Se não te importas.

— Não me importo. Mas não tomo mel e sim néctar.

Jaime observou a abelha enfiar a longa língua oca ao coração da flor e sugar o doce suco. Ao mesmo tempo notou que as pernas dela se manchavam de pó amarelo. O pó saiu dos pequenos botões no centro da flor. Exclamou quando a abelha levantou a cabeça:

— Tuas pernas estão empoeiradas! Me deixes a escovar antes que continues, senhorita... ã...

— Ápis é meu nome. — A abelha, se afastando — Apis mellifera. Não deixarei me escovar. Esse pó amarelo de pólen fica nos pequenos cestos em minhas pernas. É a farinha com a qual faço pão-de-abelha. Voltes até casa comigo. Mostrarei como se faz.



Ápis disparou no ar, com Jaime logo atrás. O surpreendeu voar sem problema. Perguntaria a Ápis onde ela mora, quando ela zumbiu alto como alerta e mergulhou fundo.

Olhando sobre o ombro Jaime viu um pássaro que parecia tão grande quanto um avião bombardeiro, vindo direto. Com suspiro de medo, mergulhou atrás de Ápis. As asas fortes zuniram rápido demais pra serem vistas. Soou a voz estridente de Ápis:

— Venhas! Eis um tronco de madeira pra esconderijo!

Jaime mergulhou ao tronco, escapando por um triz. Ouviu o bico agudo do pássaro se fechar 1cm atrás e viu a mancha de penas vermelhas no topo da cabeça enquanto ela se afastava. Ápis disse, se aproximando sob o tronco:

— Era um tesourinha! Esperaremos até ter certeza de que foi embora!

— Tesourinha! — Jaime pensou — Ora! Um tesourinha não é muito maior que um tordo! As coisas são muito diferentes quando se é do tamanho duma abelha!

Um momento depois Ápis saltou no ar. Jaime a seguiu, voando alto sobre os arbustos de mirtilo que pareciam enormes árvores da floresta.

— Eis minha casa, a terceira na direita. — Exclamou Ápis, caindo em direção a uma fileira de prédio de teto plano e caixas. — O agricultor chama isso colméia, suponho, porque muitos moramos lá. Entres e conheças minhas irmãs.

Jaime entrou à varanda da frente da colméia, preste a entrar à porta escura e de cheiro doce. Andando lado-a-lado com Ápis, passou duas fileiras de abelhas com as asas zunindo como ventiladores elétricos. Jaime perguntou em voz alta:

— Pra quê fazem isso? Só ginástica?

— Mantêm o ar fresco da colméia. São trabalhadores, como eu, e é sua vez ventilar. Subas a escada e te apresentarei a nossa abelha-rainha. É nossa mãe e a pessoa mais maravilhosa do mundo!

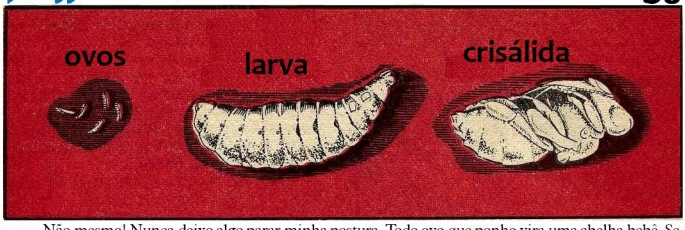
— Não podes querer dizer que ela é a mãe de todos! — Jaime ofegou — Vejo centenas de abelhas nesta sala. Uma abelha não pode ter tantos filhos!

— Sim. Pode. — Ápis riu. Num instante verás.

A pequena abelha operária levou Jaime a um favo ou grupo de células de cera perto do teto da colméia, onde um grupo de suas irmãs traçou um anel em torno duma abelha maior. Essa era a abelha-rainha, quem parecia exceção. As longas e esbeltas pernas e a forma graciosa a deixavam muito bonita. Trabalhava no novo favo, pondo um ovo em cada célula.

Parou um instante ao ver os recém-chegados. Jaime disse, enquanto Ápis o apresentava:

— Bom dia, majestade. Espero não estar incomodando.



— Não mesmo! Nunca deixo algo parar minha postura. Todo ovo que ponho vira uma abelha bebê. Se eu parar de botar durante uma hora haverá uma queda ruim na população de abelha.

— Não paras nem pra comer?, majestade. — Jaime perguntou, maravilhado.

Como resposta, a rainha-mãe fez um pequeno sinal em direção a uma das operárias ao redor, quem imediatamente aproximou a cabeça à rainha e deu a ela um gole de mel da própria boca.

— Não tenho tempo pra conseguir comida. Por isso meus trabalhadores mantêm tudo pronto pra me servir enquanto trabalho. Corras, Ápis, e mostres a nosso convidado como fazemos pão-de-abelha pra bebê operário.

Jaime viu muitas coisas maravilhosas na hora seguinte: Ápis fazer pão-de-abelha com farinha de pólen e mel, alimentar um bebê da rainha com geléia-real, aprendeu a dizer pelo tamanho das células do berço quais eram os zangões ou abelhas-rei, que os bebês trabalhadores, que comiam apenas pão-de-abelha, tinham os menores berços de todos. Comeu um pouco do pão-de-abelha e achou delicioso. Também quis provar a geléia-real, mas os trabalhadores disseram que era proibido. Exclamou quando chegaram ao fim da colméia:

— Á!, Ápis! O quê é aquela grande cortina marrom pendurada no telhado? Parece viva!

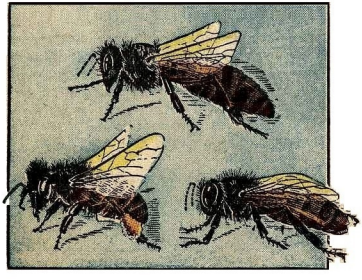
— Está vivo. Algumas irmãs se preparam pra construir mais favos-de-mel. Comeram todo o mel que agüentaram e agora fazem cera. Acho que terminaram.

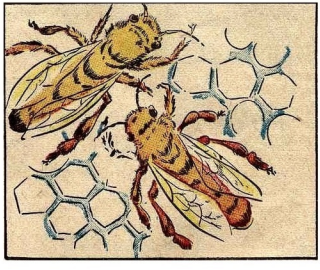
Enquanto Jaime observava, a cortina das abelhas vivas se desfez. Cada abelha na fileira inferior soltava os pés traseiros da abelha acima, caía ao chão e a retirava a docemente aromática cera-de-abelha que se formara nos bolsos.

A parte mais maravilhosa veio a seguir. Os trabalhadores pegaram a cera recém-fabricada e a transformaram em células hexagonais, uma ao lado da outra, pra formar um novo favo-de-mel.

Nenhum desperdício de cera. Nenhuma célula ficou danificada ou fora-de-linha. Cada abelha sabia exatamente o quê fazer.

O favo começou quando soou um zumbido alto de alerta diante da colméia. Imediatamente os trabalhadores mais próximos de Jaime foram à porta.





Jaime sabia que algo terrível acontecera mas não ousou perguntar o quê. Seguiu os trabalhadores o mais rápido que pôde.

Perto da porta viu que o número de abelhas abanando mais que dobrou. Zumbiam tão freneticamente que não conseguiam se manter em pé. Entre elas estava a pequena Ápis.

Então viu o problema e sentiu o cheiro. Densa fumaça infestou a porta. As abelhas não venciam ventilar. Sentiu um forte cheiro e se asfixiou. Disse, ofegante:

— A fumaça infestou a colméia! Ápis, tu e tuas irmãs tereis de sair.

— Sair?! — Ápis zumbiu desesperada — Quê tipo de covardes achas que somos? Se não ficarmos pra manter o ar limpo, todas nossas irmãs bebês morrerão sufocadas nas células do berço. Morreremos consigo se preciso for, mas não as abandonaremos!

Essa foi a maneira mais corajosa de sentir e agir mas seria inútil ficar e morrer com seus amigos melíferos. A fumaça se adensava a cada minuto. Ápis parecia ler a mente, pois disse:

— Salves tua vida!, Jaime. Não podes ajudar.

Sentiu um grande nó na garganta. Apertou uma das mãozinhas peludas de Ápis e correu à porta.

Fora, as asas o elevaram rapidamente. Viu que a fumaça vinha de fogo na grama. O fazendeiro e seus rapazes tentavam o extinguir a vassourada, mas uma brisa forte espalhava a chama.

De repente o vento mudou e a fumaça soprou a longe da fileira de colméia. Ouviu o fazendeiro gritar:

— Minhas abelhas estão salvas!

Entoou com voz de abelha, de alegria.

Parou, sufocando, quando uma rajada de vento levou fumaça espessa e quente ao rosto. Os pulmões pegando fogo. Tentou respirar mas se engasgou. Se sentiu cair.

Caiu cum solavanco e abriu os olhos.

— Muito bem!, Jaime. — A voz alegre do professor Tubbs — Não deves estar muito interessado em meu estereoscópio, adormecendo depois de dar uma olhada!

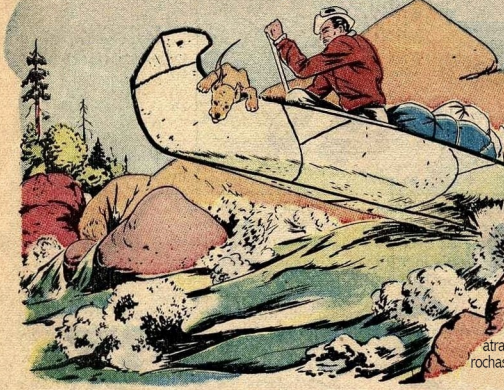
Jaime se levantou do chão. O pequeno cientista de rosto redondo estava parado com o estereoscópio nas mãos e sorrindo. Então, lentamente, uma de suas pálpebras se fechou numa piscadela.

— Ouvi tua mãe te chamar. Não digas que tiravas uma soneca em minha cadeira, ou pensará que és preguiçoso!

Jaime sorriu de volta ao amigo quando ele saiu. Não entendeu tudo o que aconteceu quando olhou no estereoscópio mas sabia que não sonhara, que Ápis mellífera era uma abelha de verdade e conversara consigo cara-a-cara.

Reis, da polícia montada

©1942 BY OSKAR LEBECK

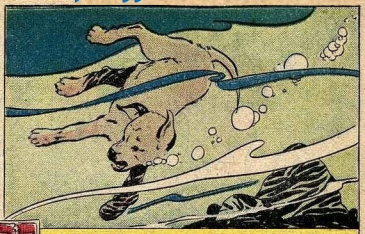


Inchado pela chuva do fim da primavera o rio pinoteava como cavalo selvagem pra derrubar o cavaleiro, uma frágil canoa de bétula. O jovem esportista de Quebeque e seu guia índio se defendiam com fortes remadas. Pra Iucão Reis, o filhote meio atravessado na proa, se esquivar das rochas era jogo alegre e emocionante.

Te abaixes!, Reis. Gritou o guia, guinando pra evitar um rochedo.

Mas o aviso chegou tarde demais. Cum grito sufocado, Iucão Reis bateu a cabeça na água e ficou de ponta-cabeça.

Apareceu numa nuvem de espuma e vislumbrou a canoa 10m rio à baixo. Nadou frenético tentando a ultrapassar.



A corrente gelada o afundou, sufocando a respiração

Então foi jogado contra uma rocha coberta de espuma, onde a água e o vento o derrubaram

Respirou fundo antes do rio o arremessar. Avistou a costa rochosa e foi em direção a ela.

Onde os baixos penhascos se separavam da beira, subiu a uma pequena plataforma

Cansado demais pra se sacudir, ficou deitado ofegante, com os olhos semicerrados

Quando recuperou o fôlego subiu ao topo da beira

Contornando a costa rochosa, procurou em vão a canoa
A forte corrente impossibilitou os remadores pararem

Esperança e dolorosa solidão o estimularam. O poente o surpreendeu muitos quilômetros a usante, quase estafado.

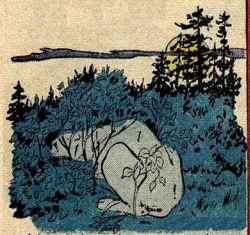
Ao tomar atalho na floresta as asas ruflantes de duas perdizes o arrepiaram

Na curva três veados se alimentavam de broto de lírio. O vento soprava em direção a Iucão Rei, assim não o farejariam.

A surpresa foi mútua, mas o alarme do cervo logo virou raiva, pois embora já sem chifre, desprezava o pequeno intruso lupiforme.

Cum bufo alto, o fanfarrão pulou à diante, as patas dianteiras afiadas cortando o ar

Assustado, o filhote correu aos arbustos



A lua cheia espiou as copas das árvores 1h depois e o viu escondido num mirtilal

Perto dali, uma grande coruja chifruda consultou seu relógio instintivo numa carcaça de pinheiro morto. Os timpanos sensíveis estavam alertas até ante os mais leves arranhões de ratos e esquilos.

Nada ouvindo, expressou seu choro vago, arrepiante e sangrento lamento ru-ru-ru-a

O som chocou os nervos trêmulos de Iucão Reis. **O quê seria?** Pensou, erguendo a cabeça pra olhar.

O farfalhar no arbusto chamou a atenção da velha coruja, quem como veloz sombra flutuou na clareira

O couro foi espetado por garras pontudas como agulhas enquanto asas escuras ruflavam sobre sua cabeça

Fugiu do mirtilal com o coração disparado. A coruja, intrigada, voou a longe

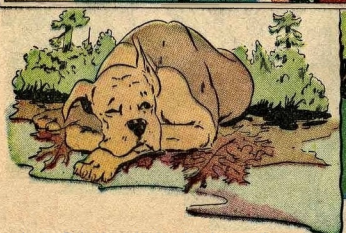
No meio da floresta procurou abrigo sob uma árvore arrancada

Se deitou choramingando suavemente. Uma doninha chegou e o olhou com frios e pequenos olhos redondos

Enfim adormeceu tão profundo, que os primeiros raios solares não o despertaram

Duma árvore vizinha um esquilo-vermelho viu Iucão Reis e tagarelou insulto:

Chrrrrrrr! O quê é aquela coisa feia e tosca sob a raiz da árvore? Não pode estar viva, pois fede muito mais que uma raposa! Chrrrrrrr!



Iucão Reis já ouvira insulto de esquilos antes Abriu um olho entediado e remelento

Uaaaaá! Bocejou se esticando preguiçosamente. Me divertirei se o esquilo cair ao chão!

Corras por tua vida!

Logo lucão Reis esqueceu o esquilo, pois farejava a fria trilha da doninha

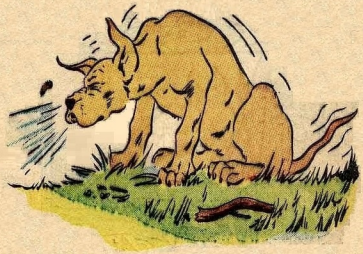
Por curiosidade a seguiu

Um par de corpos pequenos e amontoados o deteve cum grunhido e cerdas eriguidas

Cheiro bom. Deve ser comestível. Pensou, cheirando as duas jovens perdizes que a doninha matara

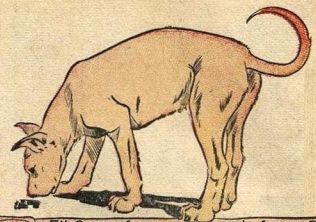
Estava com mais fome do que imaginava. Comeu o primeiro pássaro com pressa.

Comeu tão rápido, que levou uma pena ao nariz. Esfregar com a pata deu mais cócega.



Um espirro resolveu

Comeu tudo, menos os pés e alguns ossos. É um mundo maravilhoso! Pensou.

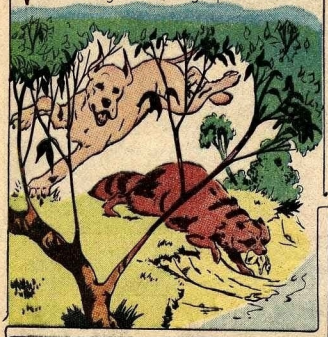

Ei! Quem fez essa pegada fresca? É nova pra mim.

Seguindo a nova trilha, encontrou um guaxinim ocupado lavando um terceiro galo silvestre morto pela doninha sedenta de sangue.

Ao latido de lucão Reis, ela olhou em volta, surpresa

lucão Rei uivou: — Olá. Largues esse pássaro molhado e brinques comigo.

Com a marcha estranha e pesada de todos os ursos e guaxinins, ele galopou em terra



O sentimento de lucão Reis não foi ferido quando o velho guaxinim rosnou. Era divertido o provocar!

Como um raio, as garras arranharam o nariz sensível de lucão Reis

Enquanto lucão Reis apalpava o focinho, o guaxinim foi à árvore alta

Os dentes se fecharam em meia dúzia de longos pêlos

Tudo bem, velhaco. Se é pra jogar duro...

http://cheguavira.blogspot.com/

lucão Reis exprimiu a raiva em tom que torturava os velhos tímpanos

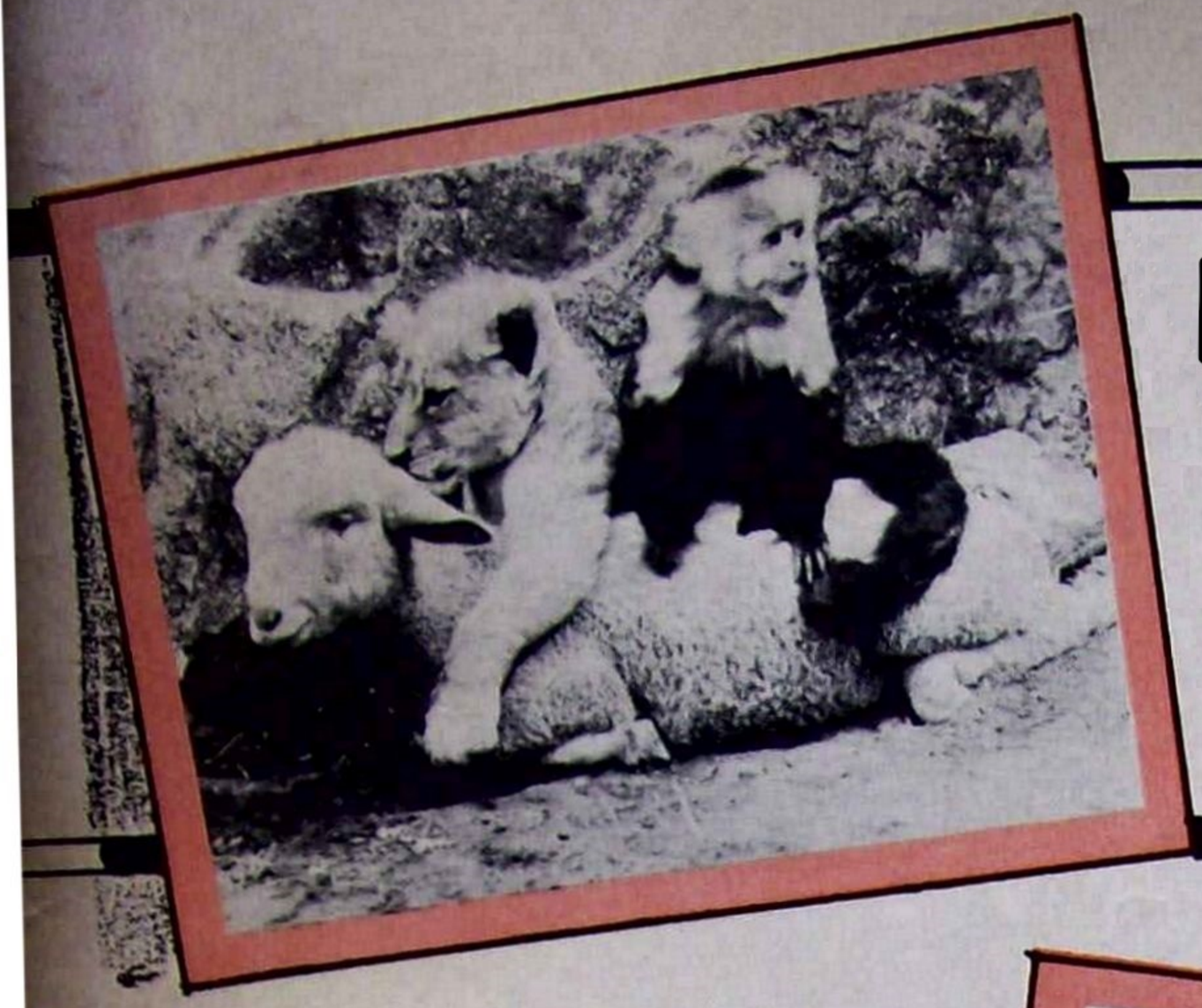
Rouco, mas triunfante, se voltou ao galo silvestre encharcado

Não estava faminto, mas o pássaro morto significava mais que comida Um troféu de sua primeira luta vitoriosa

Num pedaço de areia aquecido pelo Sol depositou o tesouro e pensou que fazer com ele

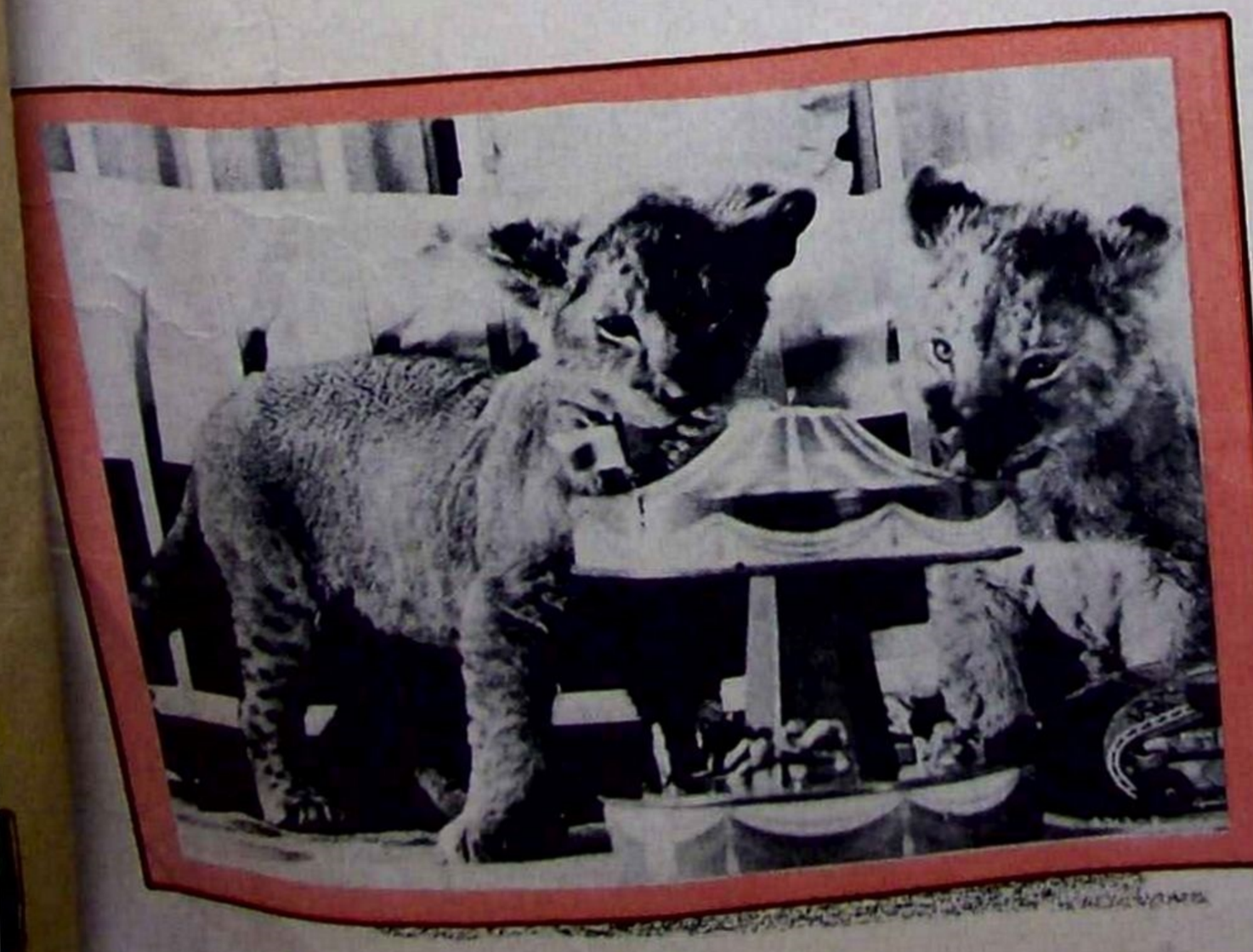
Decidiu o enterrar pra ter algo num dia chuvoso

Quero ver uma velha coruja me assustar agora! Aprendi à me cuidar nesta floresta!



Fotos da estória de Pete Smith,

página 36



http://cheguavira.blogspot.com/